

GÊNERO E HISTÓRIA MEDIEVAL: A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

Carolina Coelho Fortes

O estudo da História Medieval a partir de uma perspectiva de gênero vem ganhando linhas de investigação diferentes desde que os estudos de gênero entraram no foco do conhecimento histórico. É comum, por exemplo, a confusão entre História das Mulheres e História de Gênero, estando a primeira, como a própria expressão evidencia, preocupada com as experiências no tempo daquilo que se reconhece biologicamente como mulheres. Já a História de Gênero aponta para a busca dos significados atribuídos culturalmente ao que dada sociedade entende como homens e mulheres.

Essa ligeira e superficial diferenciação entre os dois campos é, certamente, passível de questionamentos. No entanto, no que tange à História Medieval, em especial a História de Gênero sofre uma das críticas mais temidas por historiadores e historiadoras: a de ser anacrônica. Isso porque, de acordo com os críticos, os próprios medievais não pensavam em termos de gênero, não conheciam o conceito e, portanto, essa perspectiva historiográfica estaria fadada a um eterno equívoco. Ocorre que a História é um diálogo complexo entre presente e passado e que não pode partir senão do agora para indagar o antes.

Esse diálogo, se parte de uma perspectiva de gênero desconfiada de determinismos e binarismos, pode fazer aflorar uma cultura mais rica do que se supôs. Tratamos aqui de um exemplo: o da relação de amizade entre uma mulher e um homem, ambos membros da Ordem dos Frades Pregadores, que viveram no século XIII, Diana de Andaló e Jordão da Saxônia. Essa relação demonstra como os papéis de gênero, ainda que muito marcados, não eram tão fixos quanto se pressupunha.

Sabermos dessa amizade por meio da Crônica do Convento de Santa Inês em Bolonha, e do epistolário de Jordão. Este último é composto por 57 missivas, das quais 38 tem como única destinatária Diana. As cartas são de caráter pessoal, escritas em linguagem direta e espontânea, sem grandes arroubos retóricos. Os temas mais presentes giram em torno da direção espiritual, amizade, saúde e questões pertinentes à administração, sucessos e reveses da Ordem, que crescia a olhos vistos. O tom das missivas, quase sempre terno e emotivo, sugere uma relação espontânea, sobre a qual não pesa nenhuma desconfiança ou impossibilidade.

Essa relação pessoal, como qualquer outra, se dá a partir de gênero, isto é, é com base nos saberes sobre as diferenças sexuais, além de tantos outros saberes, que se constrói a amizade entre Jordão e Diana. Essa relação, por ser informada também pelo saber de gênero, é uma relação de poder que coloca o homem como aquele que ocupa a primazia dentre todas as demais criaturas. Sendo ambas as nossas personagens membros de uma ordem religiosa, compartilham uma visão de mundo comum, que entende as mulheres como resultado direto – e causadoras – do pecado original, pelo que, acreditava-se, carregavam até o dia do juízo final, e talvez além, a marca de serem falhas, distantes da razão, frágeis, em tudo inferiores aos homens.

Por isso é tão presente nas cartas as instruções para a vida religiosa que Jordão dá a Diana. Seu principal papel como homem religioso era o de guiar, dirigir, impor o poder que, acreditava-se então, só poderia advir dos homens: o poder de conhecer a forma ideal de seguir a Cristo. Por ser Jordão o líder da Ordem a qual se associava Diana, esse poder era ainda maior e mais evidente. De acordo com Coakley, o traço mais característico da correspondência é o exercício da autoridade de Jordão sobre Diana (COAKLEY, 1991, p. 451-452), o que seria demonstrado justamente pela direção espiritual que toma conta da maior extensão das cartas.

FORTES, Carolina Coelho. Gênero e História Medieval: a história de uma amizade. *Gênero e Idade Média*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



Por outro lado, em suas cartas, Jordão destaca que Diana não deve se lançar imoderadamente à ascese. Sabemos que esse é um tema clássico desse tipo de texto, mas não podemos deixar de imaginar que, se o mestre não acredita que Diana precise de tanta purificação, era porque não era assim tão impura. O que relativiza a ideia de mulher naturalmente pecadora atribuída aos medievais. Para além disso, outros aspectos também contribuem para matizar o estereótipo negativo feminino medieval: Jordão trata de questões administrativas da Ordem com Diana, atribui a ela qualidades intelectuais e não faz nenhuma menção a comportamentos nefastos comumente entendidos como femininos, como a luxúria ou a tagarelice.

De modo geral nas cartas, há um apagamento das diferenciações de gênero, um silêncio em relação a essas diferenças, provocado pela relação de profunda amizade que Jordão nutre por Diana. Assim, a amizade entre homem e mulher é possível, naquele contexto misógino, porque prescinde da relação de força que as questões de gênero impõem. Ao escamotear seu papel como mulher, Jordão a coloca em pé de igualdade pela detenção da razão e pelo compartilhar das preocupações com a Ordem, alçando-a ao posto de amiga.

Essa igualdade, no entanto, é apenas possível dentro da relação de amizade. As demais relações que agem conjuntamente com esta, como a de conselheiro espiritual, de frade e mestre da Ordem, são relações de evidente desigualdade de gênero. Assim, o que percebemos nas cartas é uma tensão permanente entre a desigualdade social mais ampla, fundamentada nas diferenças de gênero, e a igualdade que somente a amizade pode gerar.

Jordão e Diana continuariam amigos até a morte da monja, no inverno de 1236. Jordão falece sete meses depois.

Para saber mais

ALBERZONI, Maria Pia. Jordan of Saxony and the Monastery of St. Agnese in Bologna. **Franciscan Studies**, Volume 68, 2010, pp. 1-19.

COAKLEY, John. Gender and the authority of friars: the significance of holy women for thirteenth-century franciscans and dominicans. **Church History**, vol. 60, issue 4, dezembro 1991.

FORTES, Carolina Coelho. ‘A muito amada irmã Diana de Santa Inês de Bolonha’: a amizade entre homem e mulher no século XIII a partir de uma perspectiva de gênero. in: CARLONI, Karla Carloni & FORTES, Carolina Coelho (organizadoras). **Mulheres tecendo o tempo: experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2020.

FORTES, Carolina Coelho. Gênero e História Medieval: a história de uma amizade. *Gênero e Idade Média*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

FORTES, Carolina Coelho. Gênero e História Medieval: a história de uma amizade. *Gênero e Idade Média*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

